



## As funções da expressão “acho que” na dimensão epistêmica de um debate presidencial

### The functions of the expression “acho que” in the epistemic dimension of a presidential debate

Paloma Bernardino BRAGA\*

Gustavo Ximenes CUNHA\*\*

**RESUMO:** Neste trabalho, analisamos os usos da expressão modalizadora epistêmica “acho que” em um debate eleitoral presidencial. Para isso, articulamos contribuições funcionalistas sobre a expressão “acho que” e estudos sobre os modalizadores e a dimensão epistêmica desenvolvidos no âmbito da Análise da Conversa etnometodológica. Conforme nossa hipótese, nos diferentes contextos em que “acho que” ocorre, o sentido básico da expressão enquanto mitigadora do grau de certeza do locutor em relação a dado conteúdo proposicional se particulariza, em função da posição sequencial da expressão, o que revela que a gramática é sensível ao contexto sequencial. O *corpus* analisado se constitui do primeiro debate das eleições para Presidente da República do Brasil de 2018. Na análise desse *corpus*, assumimos uma posturaêmica, na medida em que privilegiamos o ponto de vista dos interactantes sobre o desenvolvimento da interação, ou seja, o modo como realizam as ações e reagem a elas. No debate, identificamos um total de catorze ocorrências da expressão “acho que”, as quais exercem diferentes funções, por permitirem ao locutor, dentre outras ações, tornar menos agressiva a abordagem de informações que pertencem ao território do interlocutor ou de terceiros; mitigar sua adesão a propostas de um adversário; amenizar seu grau de comprometimento com a informação que defende, ao reparar um turno anterior etc. A partir desses resultados, entendemos que, em todas as ocorrências da expressão, a preocupação do locutor por suavizar uma intrusão territorial o leva a diminuir ou a ceder ao interlocutor os diretos epistêmicos na abordagem de um tópico, o que tem como contraparte semântica a expressão de menor compromisso com o que diz. Porém, esse sentido bastante geral torna-se mais específico, em função das propriedades de cada turno em que a expressão ocorre e da posição que ocupa na sequência (primeira ou segunda parte de um par adjacente).

**PALAVRAS-CHAVE:** Modalizadores. Expressão “acho que”. Interação.

**ABSTRACT:** In this paper, we analyze the uses of the epistemic expression “*acho que*” in a presidential election debate. To do so, we articulate functionalist contributions on the expression “*acho que*” and studies on modals and on epistemic dimension developed in the field of ethnomethodological Conversation Analysis. According to our hypothesis, in the different contexts in which “*acho que*” occurs, the basic meaning of the expression as a mitigator of the speaker’s degree of certainty in relation to a given propositional content is particularized, depending on the sequential position in which the expression “*acho que*” occurs. This reveals that grammar is sensitive to the sequential context. The corpus

---

\* Doutoranda em Linguística (POSLIN, UFMG). Redatora-revisora na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG). Belo Horizonte, MG – Brasil. [palomabbraga@gmail.com](mailto:palomabbraga@gmail.com)

\*\* Doutor em Linguística (POSLIN, UFMG). Professor da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, MG – Brasil. [ximenescunha@yahoo.com.br](mailto:ximenescunha@yahoo.com.br)

analyzed was the first debate of the 2018 Brazilian presidential election. In the analysis of this corpus, we assumed an emic stance, insofar as we privileged the interactants' point of view on the development of the interaction, that is, the way in which they carry out actions and react to them. In the debate, we identified a total of fourteen occurrences of the expression “*acho que*”, which perform different functions. With the expression, the speaker makes less aggressive the mention of information that belongs to the interlocutor's or third parties' territory; mitigates his/her adherence to an opponent's proposals; reduces his/her level of commitment to the information he/she defends, by repairing a previous turn etc. With these results, we understand that, in all occurrences of the expression, the speaker's intention to soften a territorial intrusion leads him/her to reduce epistemic rights in approaching a topic. The semantic counterpart is the expression of lesser commitment to what is said. However, this very general meaning is particularized in more particular meanings, depending on the properties of each turn in which the expression occurs and the position it occupies in the sequence (first or second pair part).

**KEYWORDS:** Modals. Expression “*acho que*”. Interaction.

Artigo recebido em: 26.09.2024

Artigo aprovado em: 03.02.2025

## 1 Introdução

Na perspectiva funcionalista, a expressão “*acho que*”, objeto de estudo deste trabalho, define-se como um modalizador epistêmico que, no contínuo do absolutamente possível (certo) ao quase impossível (incerto) que caracteriza a modalidade epistêmica (Neves, 2006), permite ao falante expressar ser possível que algo ocorra, como em “*acho que hoje vai chover*”. Mais especificamente, a expressão pertence à classe dos modalizadores quase-asseverativos<sup>1</sup>, por indicar que o falante considera o conteúdo proposicional “quase certo, próximo à verdade” e, portanto, próximo ao polo do “absolutamente possível” no contínuo anteriormente referido. Contudo, exatamente porque emprega “*acho que*”, o falante se afasta desse mesmo polo e apresenta o mesmo conteúdo como “uma hipótese que depende de

---

<sup>1</sup> Os *quase-asseverativos* “indicam que o falante considera o conteúdo de P quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por isso mesmo ele se furta ‘a toda responsabilidade sobre a verdade ou falsidade [da proposição]’”. (Castilho; Castilho, 2002, p. 207.) Alguns exemplos são: *eu acho, eu suponho, é provável que P, talvez, assim, possivelmente* etc. As outras duas categorias de modalizadores, propostas pelos autores, são os *asseverativos* (“indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo de P, apresentado por ele como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas” (Castilho; Castilho, 2002, p. 206)) e os *delimitadores* (“estabelecem os limites dentro dos quais se deve encarar o conteúdo de P” (Castilho; Castilho, 2002, p. 207)).

confirmação” (Castilho; Castilho, 2002, p. 207), não assumindo a responsabilidade pela veracidade da informação e, com isso, ganhando credibilidade (Neves, 2002, 2006).

Buscando desenvolver essa interpretação para o modalizador em análise, entendemos, no presente trabalho, que a compreensão dos usos de “acho que” pode ser enriquecida com a consideração de seu papel na dimensão epistêmica da interação, tal como essa dimensão vem sendo estudada no domínio da Análise da Conversa etnometodológica ou Fala-em-interação (Heritage, 2012; 2013; Drew, 2018). Como será apresentado no próximo item, analisar os modalizadores na dimensão epistêmica permite considerar seu papel no modo como os locutores fazem a gestão de conhecimentos ao longo dos turnos de uma sequência, constatando que o uso dos modalizadores é sensível à posição sequencial e ao tipo de turno em que ocorrem.

Nesse sentido, nossa análise integra contribuições funcionalistas sobre a expressão “acho que” à perspectiva da Análise da Conversa etnometodológica, em especial do domínio mais específico da dimensão epistêmica, tendo por intuito verificar se a expressão não se caracterizaria por uma funcionalidade mais complexa<sup>2</sup>. Conforme nossa hipótese, nos diferentes contextos em que “acho que” ocorre, o sentido básico da expressão enquanto mitigadora do grau de certeza do locutor em relação a dado conteúdo proposicional torna-se mais específico, em função da posição sequencial da expressão, o que revela que a gramática é sensível ao contexto sequencial (Schegloff, 2007)<sup>3</sup>.

Para alcançar o objetivo de verificar a complexidade de “*acho que*” em uma situação efetiva de uso da língua, analisaremos as ocorrências dessa expressão

---

<sup>2</sup> O interesse pela aproximação das abordagens funcionalista e conversacional para a compreensão de fenômenos linguísticos ganhou especial impulso sobretudo a partir dos estudos reunidos em Ochs et al. (1996) e em Ford et al. (2002). Uma discussão a respeito do interesse dessa aproximação encontra-se em Fox et al. (2013).

<sup>3</sup> Heritage (2018) levanta hipótese semelhante à nossa em estudo sobre os marcadores do inglês *oh* e *well*. Para o autor, o contexto, como a posição sequencial do turno em que ocorrem, modifica, expandindo ou particularizando, os significados desses marcadores. Por isso, para ele, identificar os significados nucleares desses marcadores seria menos relevante do que identificar seu papel em contextos de uso específicos.

constantes de um debate eleitoral presidencial. Esse debate foi o primeiro da campanha à presidência da república do Brasil de 2018 e foi promovido pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação (Band). Maiores esclarecimentos sobre o debate serão dados no item de metodologia. Antes de apresentarmos os procedimentos metodológicos adotados e as análises, faremos considerações sobre o modo como os modalizadores têm sido estudados por autores que, filiados à Análise da Conversa etnometodológica, dialogam com a vertente funcionalista dos estudos da linguagem, para entender o papel dos modalizadores na dimensão epistêmica.

## 2 Os modalizadores em perspectiva conversacional e interacionista

Neste item, apresentamos os resultados de três trabalhos filiados à Análise da Conversa etnometodológica representativos do modo como os modalizadores têm sido estudados nessa perspectiva. Por motivo de espaço, essa apresentação abordará sobretudo os resultados de cada estudo, não detalhando seus aspectos epistemológicos e metodológicos. Porém, vale destacar que, em função da perspectiva etnometodológica que adotam (Garfinkel, 1967), todos se caracterizam por uma postura eminentemente êmica no trato dos corpora, na medida em que privilegiam o ponto de vista dos interactantes sobre o desenvolvimento da interação e não o do analista. Essa postura implica um olhar fortemente atento ao modo como os interactantes realizam as ações e reagem a elas, bem como o abandono de uma perspectiva analítica que privilegie as premissas de um modelo teórico sobre o fenômeno em questão (os modalizadores) em detrimento das interpretações tornadas emergentes e evidentes pelos próprios interlocutores no curso da interação (Heritage, 2002; 2018; Schegloff, 2007).

Em estudo sobre os usos de *I think* em conversas, expressão inglesa bastante aproximada de “acho que”, Kärkkäinen (2003) propõe analisar a expressão no ambiente sequencial em que ocorre, a fim de identificar as funções que exerce na tomada de postura epistêmica. Mais especificamente, a autora traz evidências de que

*I think* é sensível à posição sequencial em que ocorre. A expressão pode ocorrer na primeira parte de um par adjacente, como em primeiras avaliações, mas ocorre principalmente na segunda parte do par, em respostas a perguntas, segundas avaliações, concordâncias e aceites de elogios (Kärkkäinen, 2003). Observa a autora que, no interior do turno, *I think* pode ocorrer em posição final de turno, mas ocorre predominantemente em posição inicial. Além disso, a expressão exerce diferentes funções, dependendo da posição inicial ou final que ocupa no turno.

Quando pré-posicionada, a expressão permite aos interlocutores se alinharem à informação que está sob o escopo de *I think*, dando a eles mais tempo – o tempo da produção de *I think* – para realizar esse alinhamento. Nos dados estudados pela autora, essa função mais geral se particulariza em três funções mais específicas: 1) função de ponto de partida (marcação de limites); 2) função de introdução da perspectiva do falante; 3) função de orientação ao destinatário.

Quando pós-posicionada, a expressão realiza um número menor de funções. Nessa posição, a expressão ocorre após um ponto relevante de transição, ou seja, após um ponto em que o locutor indica a completude sintática e prosódica do turno, sinalizando ao interlocutor que este pode tomar a palavra (Sacks *et al.*, 1974). Produzido após esse ponto, *I think* exerce a função de adendo (“*afterthought*” (Chafe, 1988)), por trazer uma reflexão adicional que incide sobre todo o turno ou sobre parte do turno anteriormente produzido (Kärkkäinen, 2003). Contudo, destaca a autora que, quando pós-posicionada, a expressão, ao introduzir um novo ponto de transição relevante, exerce funções sobretudo interacionais, como regular a dinâmica interacional, sinalizando a completude do turno (Kärkkäinen, 2003).

Em estudo sobre a gestão da dimensão epistêmica de sequências de avaliação produzidas em inglês, Heritage e Raymond (2005) observam que esse tipo de sequências é um objeto privilegiado para o estudo do modo como são negociados pelos interactantes os direitos epistêmicos relativos para avaliar estados de coisas. Assim, nesse trabalho, que não se centra exclusivamente no uso de modalizadores, os autores

têm por objetivo descrever e explicar a gestão desses direitos e os meios pelos quais essa gestão é alcançada. Os modalizadores, como veremos, são um desses meios.

Em sequências de avaliação, Heritage e Raymond (2005) distinguem as “avaliações de primeira posição”, constituindo a primeira parte do par adjacente, e as “avaliações de segunda posição” (ou responsivas), constituindo a segunda parte do par adjacente. Conforme os autores, as avaliações de primeira posição caracterizam-se pela reivindicação por seu produtor de direitos primários (ou autoridade epistêmica (Heritage, 2013)) para avaliar o tópico abordado. Por sua vez, as avaliações de segunda posição caracterizam-se pela implicatura de que seu produtor tem menor autoridade epistêmica para abordar o tópico, em relação ao produtor da primeira avaliação (Heritage; Raymond, 2005).

Observam Heritage e Raymond (2005) que os produtores de primeiras avaliações podem tentar eliminar ou rebaixar (*downgrade*) a inferência de que possuem maiores direitos primários para avaliar, assumindo uma postura de menor conhecimento em relação ao interlocutor (Heritage, 2013). Em contrapartida, os produtores de avaliações responsivas, buscando eliminar ou amenizar a inferência de que seus direitos para avaliar são menores em relação ao primeiro falante, podem tentar elevar (*upgrade*) sua autoridade epistêmica, assumindo uma postura de maior conhecimento (Heritage, 2013)<sup>4</sup>.

Na tentativa de eliminar a inferência de que possui maiores direitos primários para avaliar, o primeiro locutor pode rebaixar suas avaliações, indicando que tem

---

<sup>4</sup> Em trabalhos posteriores ao de 2005, Heritage desenvolve e utiliza de forma mais sistemática as noções de postura epistêmica e status epistêmico. Enquanto o status corresponde ao acesso relativo (maior ou menor, mais ou menos direto) dos interlocutores a domínios de conhecimento, bem como seus direitos e responsabilidades sobre esses domínios, a postura diz respeito ao modo como, ao longo da interação, os interlocutores efetivamente expressam seu status epistêmico (Heritage, 2012; 2013; Cunha, 2023). Se, de modo geral, os falantes preservam a consistência entre a postura e o status, como quando fazem afirmações sobre o que sabem ou perguntam sobre o que não sabem, não é incomum a produção de enunciados não congruentes, ou seja, enunciados em que se observa uma divergência entre status e postura. Nesse caso, os falantes aparecem como mais ou menos conhecedores do que, de fato, são (Heritage, 2012; 2013; Cunha, 2023). Em língua portuguesa, apresentações da abordagem de Heritage podem ser consultadas em Cunha (2023), Oliveira e Cunha (2024) e Mascarenhas, Perobelli e Zen (2024).

menos direitos para avaliar do que o segundo locutor ou que este tem tanto direito quanto ele. Os modalizadores, juntamente com os evidenciais e as *tag-questions*, constituem recursos que permitem ao produtor de primeiras avaliações rebaixar a reivindicação implícita de maiores conhecidos (Heritage; Raymond, 2005).

Como se observa, os modalizadores nessa proposta assumem uma função bastante específica, a saber, permitir ao primeiro locutor rebaixar a reivindicação implícita de maiores direitos epistêmicos, indicando que o segundo locutor tem tanto direito quanto ele ou mais para avaliar determinado tópico. No trabalho, todos os modalizadores do inglês identificados pelos autores correspondem aos que Castilho e Castilho (2002) denominam quase-asseverativos, categoria de que “acho que” participa<sup>5</sup>.

Em estudo sobre dois modalizadores do japonês (*daroo* e *deshoo*), observa Kaneyasu (2020) que, nas pesquisas sobre esses itens, ambos são tradicionalmente considerados como as variantes de um mesmo modal epistêmico expressando suposição/conjetura. Assim, *daroo* seria a forma mais direta e informal, ao passo que *deshoo* seria a forma mais polida e formal. Contudo, conforme a autora, a observação de dados conversacionais não sustenta essa interpretação, já que ambas as formas ocorrem em seu *corpus*, composto por interações informais. Assim,

Uma análise sequencial detalhada do uso dessas formas ilustra que (a) nem *daroo* nem *deshoo* são simples marcadores de conjetura e que (b) cada um tem padrões únicos de uso com relação a posições sequenciais, ações sociais e vínculos formais e funcionais com os elementos precedentes e posteriores (Kaneyasu, 2020, p. 146).

Dessa forma, definir *daroo* e *deshoo* como **modalizadores epistêmicos** ou **marcadores de conjetura/suposição** não auxilia a entender como os interlocutores

---

<sup>5</sup> No estudo de Heritage e Raymond (2005), não são apresentadas ocorrências de modalizadores atuando na reivindicação de maiores direitos epistêmicos, função que, a nosso ver, poderia ser exercida por modalizadores asseverativos como *obviamente*, *sem dúvida* ou *de forma alguma*.

usam esses itens nas interações. Partindo dessa observação, a autora, adotando uma perspectiva de análise indutiva de *daroo* e *deshoo*, busca identificar suas funções discursivas e interacionais no contexto de conversas informais face-a-face, não tomando a distinção direto-polido (informal-formal) como um pressuposto.

A análise das ocorrências de *deshoo* revela que o modalizador funciona basicamente como uma *tag-question*. Nessas ocorrências, *deshoo* é usado para i) pedir confirmação, quando a informação pertence ao território do interlocutor<sup>6</sup>; ii) solicitar alinhamento do interlocutor, quando a informação pertence ao território do falante ou de ambos.

Por sua vez, a análise das ocorrências de *daroo* revela um funcionamento mais complexo, já que o modalizador pode ocorrer em diferentes construções, exercendo diferentes funções, dependendo da construção em que ocorre. O resultado da análise do *corpus* permitiu a Kaneyasu (2020, p. 150) verificar que o modalizador ocorre nas seguintes construções:

Tipo 1: nan daro

Tipo 2: [pergunta] daroo (na)

Tipo 3: [soo/repetição/Ø] daroo ne

Tipo 4: [declaração/pergunta] daroo ne

Tipo 5: [declaração/pergunta] daroo kedo

Tipo 6: [declaração] daroo!

Observa a autora que, no nível semântico, todas as ocorrências de *daroo* podem ser mais ou menos associadas ao significado mais geral de conjectura/suposição. Porém, nas seis construções, o modalizador, sozinho ou acompanhado por outras

---

<sup>6</sup> Em um sentido amplo, a noção de território corresponde ao espaço físico ou simbólico que cerca o indivíduo e cujo acesso ele controla, podendo esse espaço abarcar desde o assento ocupado por um indivíduo em um transporte público até seu direito de controlar quem pode lhe dirigir a palavra (Goffman, 1971). Em sentido restrito, no âmbito dos estudos sobre dimensão epistêmica, o território é informalmente caracterizado como o conjunto de informações que o falante/ouvinte considera próximo ou “perto” de si mesmo, como, por exemplo, informação obtida através da experiência direta ou informação sobre pessoas, objetos e fatos próximos à/ao falante/ouvinte (Kamio, 1997; Heritage, 2013).



partículas pragmáticas do japonês, como *ne*, *na* e *kedo*, exerce uma ampla variedade de funções interacionais. Na interação, o significado mais geral de conjectura/suposição se manifesta mais concretamente como: (i) espontaneidade ao verbalizar enquanto pensando [tipos 1 e 2]; (ii) neutralidade de postura ou não-envolvimento do falante [tipos 3 e 4]; (iii) franqueza da posição do falante [tipos 4 e 5]; (iv) emoção intensificada – interjeição [tipo 6] (Kaneyasu, 2020).

De acordo com a autora, a multiplicidade de usos de *daroo*, representada nas seis construções, evidencia que, embora seus usos permitam defini-lo como um marcador de conjectura/suposição, essa definição, por ser excessivamente generalizadora, não permite compreender em profundidade o que os interlocutores estão fazendo nas interações, quando usam o modalizador (Kaneyasu, 2020).

A breve apresentação dos três trabalhos sobre os usos de modalizadores em conversas permite extrair algumas constatações relevantes sobre o funcionamento desses itens da língua. Os três estudos evidenciam que os modalizadores exibem uma sensibilidade à posição que ocupam na sequência e no turno, sensibilidade que se traduz em multifuncionalidade. Assim, sobretudo os estudos de Kärkkäinen (2003) e Kaneyasu (2020) revelam que algumas funções dos modalizadores analisados decorrem da particularização de um sentido mais básico ou geral, particularização devida à posição do modalizador na sequência (primeiro turno ou segundo turno) ou no turno (posição inicial ou posição final), bem como das demais partículas pragmáticas que podem ocorrer com ele. Além da sensibilidade posicional dos modalizadores, os três estudos evidenciam ainda seu papel na gestão epistêmica, revelando que o uso de um modalizador permite ao primeiro locutor de uma sequência ceder direitos epistêmicos ao segundo na abordagem de dado tópico (Heritage e Raymond, 2005) e que a postura epistêmica assumida pelo locutor em relação ao interlocutor é sinalizada pelo modalizador escolhido (Kärkkäinen, 2003; Kaneyasu, 2020).

Antes de passamos à análise das ocorrências da expressão modalizadora “acho que” em um debate eleitoral presidencial, apresentaremos informações sobre a seleção do *corpus* e as etapas da análise.

### 3 Constituição do *corpus* e procedimentos de análise

O debate eleitoral presidencial constitui um tipo de interação institucional, o que significa que essa interação se pauta por um conjunto explícito de regras sobre como os candidatos podem ou não se comportar<sup>7</sup>. Por isso, este trabalho, que se centra no uso da expressão modalizadora “acho que” em um debate eleitoral presidencial, se insere no campo da fala-em-interação institucional (Drew; Heritage, 1992; Loder; Jung, 2009). Dadas as especificidades da interação que analisamos, entendemos que as funções da expressão “acho que” identificadas neste estudo são sensíveis, por exemplo, às regras de tomada de turno próprias do debate e a outras regras e que, por isso mesmo, essas funções podem diferir daquelas que a mesma expressão exerce em outros contextos mais ou menos institucionais. A busca por entender as especificidades desse tipo de interação justifica, assim, a escolha do debate eleitoral presidencial para estudo nesta pesquisa.

Como informado na introdução, o *corpus* desta pesquisa é formado pelo primeiro debate eleitoral da campanha à presidência da república do Brasil de 2018 e foi promovido pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação (Band)<sup>8</sup>. O debate ocorreu em 09/08/2018, e dele participaram os seguintes candidatos: Ciro Gomes (PDT), Geraldo Alckmin (PSDB), Marina Silva (Rede), Henrique Meirelles (MDB), Guilherme Boulos (PSOL), Cabo Daciolo (Patri), Álvaro Dias (Podemos) e Jair Bolsonaro (PSL). O debate se compôs de cinco blocos. No primeiro e terceiro blocos, houve confronto direto entre os candidatos em sequências de pergunta, resposta, réplica e tréplica. No

---

<sup>7</sup> Para uma compreensão das propriedades contextuais, sequenciais, textuais e outras do debate eleitoral presidencial brasileiro enquanto um tipo de interação com características próprias, cf. Braga (2021), Cunha (2017, 2019, 2021, 2022, 2024), Cunha *et al.* (2019).

<sup>8</sup> Esse debate constitui um dos quatro debates eleitorais presidenciais que integram o *corpus* da pesquisa de doutorado da primeira autora deste artigo, pesquisa que se encontra atualmente em desenvolvimento.

segundo e quarto blocos, os candidatos responderam às perguntas dos jornalistas Fábio Pannunzio, Sergio Amaral, Rafael Colombo e Lana Canepa. Por fim, no quinto bloco, os candidatos fizeram as considerações finais. O mediador foi o jornalista Ricardo Boechat. O debate completo teve a duração de 3 horas, 13 minutos e 59 segundos e está disponível para visualização no canal Band Jornalismo, no YouTube (Band Jornalismo, 2018).

A escolha desse debate para estudo nesta pesquisa explica-se pela importância social e histórica própria de um debate eleitoral presidencial (Cunha *et al.*, 2019). Vale lembrar ainda que, por ter sido a eleição de 2018 a primeira após o *impeachment* sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff e por estar o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva preso, não podendo, portanto, concorrer às eleições<sup>9</sup>, esse debate caracterizou-se por um nível de tensão que refletia o nível de tensão da sociedade como um todo.

Feita a seleção do debate, revisamos a transcrição que foi disponibilizada pela organização jornalística “Aos Fatos” em seu site (Cunha *et al.* 2018). A revisão dessa transcrição foi necessária para que a transcrição analisada captasse características prosódicas e conversacionais da fala, tendo em vista os objetivos de pesquisa linguística que definem este trabalho. Essa revisão se fez com base na reiterada visualização e audição do debate e com a utilização das normas de transcrição constantes no anexo deste trabalho (Quadro 1).

No debate selecionado, foi identificado um total de catorze ocorrências da expressão modalizadora “acho que”. A Tabela 1 indica a distribuição das ocorrências pelos participantes do debate.

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências de “acho que”.

Participantes	N	%
Jair Bolsonaro	7	50
Geraldo Alckmin	4	28.5
Ciro Gomes	1	7.1

<sup>9</sup> Lula permaneceu preso de 07/04/2018 a 08/11/2019 (Haubert; Paola, 2024).

Guilherme Boulos	1	7.1
Rafael Colombo	1	7.1
<b>Total</b>	14	100

Fonte: elaborada pelos autores.

Como será mostrado no próximo item, a análise qualitativa das funções dessas ocorrências do modalizador levou em conta, em especial, sua posição na sequência e a natureza do turno em que a expressão ocorre. Assim, a análise se iniciou com a verificação da posição da expressão na sequência: se ela ocorre na primeira ou na segunda parte do par adjacente ou se em um turno de pós-expansão, como uma réplica ou uma tréplica (Schegloff, 2007). Em seguida, verificou-se a natureza pragmática ou acional do turno de que a expressão é parte (se uma pergunta, uma crítica, uma avaliação, um elogio etc.). Por fim, analisou-se a ocorrência do modalizador na dimensão epistêmica da sequência, buscando identificar a função ou funções que exerce, por exemplo, no endosso de uma postura epistêmica de maior ou menor conhecimento, na cessão de direitos epistêmicos ao interlocutor, na intrusão ao território epistêmico de adversário ou terceiros etc.

#### 4 As funções da expressão modalizadora “acho que” no debate eleitoral

A maior parte das ocorrências da expressão modalizadora “acho que” está em turnos responsivos, ou seja, turnos que não iniciam sequências, tais como respostas, réplicas e tréplicas. Das catorze ocorrências de “acho que”, três foram expressas em primeiras partes de pares adjacentes e onze, em segundas partes de pares (como respostas) ou em turnos de pós-expansão (como réplicas e tréplicas). Ainda que não tenhamos dados em número suficiente para afirmações mais seguras, esses números parecem sugerir que, assim como ocorre com a expressão inglesa *I think* em conversas (Kärkkäinen, 2003), a expressão “acho que”, em debate eleitoral, ocorre preferencialmente em turnos responsivos.

Das três ocorrências de “acho que” em início de sequência, duas estão em perguntas e uma, em um elogio. Como, no debate, os elogios ocorreram

predominantemente em turnos responsivos, abordaremos esses casos mais adiante. Em uma das perguntas (excerto 1), o locutor usa “acho que” para tornar menos agressiva uma informação pertencente ao território do interlocutor, suavizando, assim, o que este poderia entender como uma crítica. Dessa sequência participaram o jornalista Rafael Colombo (RC) e o candidato Geraldo Alckmin (GA).

(1) 1h39m04s - 1h40m21s (segundo bloco)

- RC 1 boa noite a todos/ boa noite boechat\ eu passei agora pouquinho  
 2 pela nossa sala digital aqui/ e tava consultando/ dos temas mais  
 3 pesquisados pelas pessoas que estão nos assistindo agora/ um deles/  
 4 que **acho que** ainda foi abordado de forma lateral aqui/ é a segurança  
 5 pública\ exatamente no dia em que o fórum nacional de segurança  
 6 pública revelou que +sessenta+ e quatro mil pessoas foram mortas.  
 7 de: é é é: ou por latrocínio ou por homicídio\ e uma das razões pra  
 8 isso é a guerra entre as facções criminosas pelo controle de tráfico  
 9 de drogas\ eu gostaria de saber do candidato alckmin/ com comentário  
 10 do candidato bolsonaro/ se é possível traçar uma +meta+ de redução  
 11 de homicídios pros próximos quatro anos\ como reduzir o poder das  
 12 facções criminosas que hoje +comandam+ o crime no brasil dentro e  
 13 fora dos presídios/
- GA 14 olha/ respondendo ao rafael colombo sobre a segurança pública/ nós  
 15 tivemos no estado de são paulo um fato que é reconhecido até  
 16 +internacionalmente+\ nós tínhamos no ano de dois mil e um/ éh:  
 17 treze mil pessoas assassinadas/ reduzimos pra doze/ onze/ dez/ nove/  
 18 oito/ sete/ seis/ cinco/ quatro\ o ano passado foram três mil  
 19 quinhentas e três\ [...]

Em seu turno, o jornalista tece uma crítica ao comportamento linguageiro dos candidatos e até mesmo dos outros jornalistas em relação aos temas discutidos na interação, afirmando que o tópico “segurança pública” não foi suficientemente abordado. Ao tecer a crítica, Colombo utiliza o modalizador “acho que” (l. 4) para atenuar sua desafiliação em relação aos demais participantes do debate. Nessa ocorrência, Colombo demonstra ter conhecimento acerca do que diz (ou *status* de maior conhecimento), uma vez que deixa explícito que consultou, na sala digital, o tema de interesse dos espectadores (l. 2-3) pelo tema, reivindicando, assim, autoridade

epistêmica enquanto jornalista (Heritage; Raymond, 2005). Porém, porque se vale do modalizador “acho que”, ele assume uma postura de menor conhecimento, marcando seu rebaixamento epistêmico em turno de primeira posição (Heritage; Raymond, 2005).

Assim, temos uma incongruência epistêmica (divergência entre *status* e postura), o que demonstra que Rafael Colombo não utilizou o modalizador para rebaixar o grau de comprometimento com o conteúdo proposicional, pois ele demonstra *ter* esse conhecimento, mas sim para mitigar uma possível intrusão ao território dos participantes do debate. Afinal, a escolha do tópico e sobretudo o modo de abordá-lo pertencem ao território de cada participante da interação (Goffman, 1971; Kamio, 1997). Portanto, nessa ocorrência, o modalizador é utilizado para suavizar a desafiliação entre os interlocutores.

Geraldo Alckmin, por sua vez, aceitando responder à pergunta (“respondendo ao rafael colombo”, l. 14), evidencia ter compreendido o turno do jornalista como uma pergunta e não como uma crítica e avalia a situação da segurança pública no Brasil, exemplificando com o que fez em São Paulo. Especialmente em um debate eleitoral, espera-se que aquele que foi alvo de uma crítica defenda-se, rejeitando-a (Goffman, 2011[1967]), o que aqui não ocorre. Alckmin não rebate a crítica de que o tema “segurança pública” foi abordado insuficientemente e deixa claro que vai responder à pergunta.

O interesse dessa ocorrência está em permitir verificar como a expressão “acho que” foi utilizada pelo jornalista para, ao mesmo tempo, tecer uma crítica e mitigar a intrusão ao território de um dos candidatos. Embora o gênero debate eleitoral seja polêmico, não é esperado que os jornalistas ataquem os debatedores, mas sim que sejam apenas reguladores da interação (Burger, 2002; Braga, 2021). Por isso, Rafael Colombo, com “acho que”, suaviza (rebaixa) seus direitos epistêmicos para afirmar que um dos temas “foi abordado de forma lateral aqui” (l. 4), evitando que essa afirmação seja avaliada como uma crítica.

A segunda ocorrência da expressão “acho que” em perguntas encontra-se no excerto 2, de que participam Guilherme Boulos (GB) e Jair Bolsonaro (JB).

(2) 56m56s - 59m38s (primeiro bloco)

- GB 1 deputado bolsonaro/ o brasil todo sabe que você é racista/ machista/  
 2 homofóbico/ mas tem coisa que muita gente não sabe\ você em +vinte  
 3 e sete anos+ como deputado ficou dez anos no partido do paulo maluf/  
 4 tem mordomias/ recebeu auxílio moradia tendo casa/ comprou +cinco+  
 5 imóveis/ fez da política um negócio em +família+/ com um monte de  
 6 filho também no mesmo esquema que você\ bolsonaro/ queria saber uma  
 7 coisa/ e acho que é importante que o brasil saiba\ quem é a wal  
 8 bolsonaro/  
 JB 9 eu pensei que viesse discutir política nacional aqui\ a senhora  
 10 wal/ a senhora walderice/ é uma funcionária minha que mora em angra  
 11 dos reis/ ganha dois mil por mês\ quando a folha de são paulo foi  
 12 lá e não a achou botou manchete do dia seguinte que ela era fantasma/  
 13 só que em boletim administrativo da câmara dos deputados. de  
 14 dezembro/ ela estava de férias do final de dezembro até final de  
 15 janeiro\ a wal é essa senhora. humilde/ trabalhadora/ numa vila  
 16 histórica de mambucaba de pessoas pobres/ humildes/ mas  
 17 trabalhadores\ e essa senhora. sempre prestou um serviço a mim  
 18 naquele local +longe+/ não é +angra+ dos reis chama-se vila  
 19 histórica de angra dos reis\ [...]  
 GB 20 olha/ éh: bolsonaro esqueceu de dizer algumas coisas a respeito da  
 21 wal\ não é/ a wal é funcionária fantasma do gabinete dele/ que junto  
 22 com o marido dela edenilson têm a responsabilidade de cuidar dos  
 23 cachorros do bolsonaro numa das casas dele em angra dos reis\ [...]

No primeiro turno da sequência, Boulos aborda informações que pertencem ao território epistêmico do adversário e, logo no início do turno, usa o verbo evidencial “saber” para indicar que essas informações seriam de conhecimento geral: “o brasil todo sabe que você é racista” (l. 1). Na maior parte do turno, ainda que aborde informações que pertencem ao território do adversário, ele produz sentenças declarativas e não emprega recursos, como modalizadores, para rebaixar seus direitos epistêmicos para abordar essas informações e ceder autoridade epistêmica ao adversário. Apenas ao final do turno, o candidato emprega a expressão “acho que”,

em um segmento metadiscursivo de anúncio da pergunta: “queria saber uma coisa/ e acho que é importante que o brasil saiba \ quem é a wal bolsonaro/” (l. 7-8).

No início do turno, o candidato assume uma postura de maior conhecimento sobre o que, segundo ele, é de conhecimento geral da população brasileira (o Brasil) ou, mais especificamente, dos eleitores. Ao final do turno, emprega “acho que” para dizer o que supõe que a população deveria saber: “quem é a wal bolsonaro/”. Dessa forma, usando a expressão “acho que”, o candidato rebaixa os direitos epistêmicos de que dispõe para fazer afirmações sobre o que considera importante os eleitores saberem. Fazer afirmações sobre o território do outro é sempre uma ação delicada, porque implica algum grau de intrusão/agressão (Brown; Levinson, 1987; Kamio, 1997), ainda que o outro seja uma figura abstrata como o Brasil. Esse procedimento se justifica, no entanto, pelo fato de que essa figura corresponde aos brasileiros e, mais especificamente, aos eleitores que estão assistindo ao debate.

Após a resposta de Bolsonaro, Boulos rebate o adversário, evidenciando que já sabia a resposta da pergunta que havia feito no primeiro turno:

1º turno: quem é a wal bolsonaro/ (l. 7-8)

3º turno: a wal é funcionária fantasma do gabinete dele/ (l. 21)

O terceiro turno da sequência, produzido por Boulos, revela, assim, que a pergunta feita por ele, no primeiro, não constituía uma pergunta genuína, materializando uma discrepância entre *status* (o que ele sabe) e a postura assumida no turno em relação a esse saber (Heritage, 2013). Afinal, ele já sabia a resposta. Observa-se, assim, que a expressão “acho que”, na pergunta, não tem como função permitir ao candidato expressar dúvida ou incerteza quanto à importância da resposta à pergunta, não sendo, de forma alguma, a pergunta parafraseável por: “Talvez seja importante o Brasil e eu sabermos quem é a Wal Bolsonaro”. Por esse motivo, a expressão “acho que”, na pergunta, exerce uma função na suavização de uma intrusão abrupta (ou impolida) ao território do eleitorado.



Como informado, a maior parte das ocorrências de “acho que” está em turnos responsivos. Nessa posição, a expressão exerce funções variadas, dependendo do tipo de ação que o locutor realiza por meio do turno em que a expressão ocorre. No debate, a expressão ocorreu em turnos responsivos em que o locutor realiza as seguintes ações: elogio (5 ocorrências), reparo de conhecimentos negociados (4 ocorrências) e avaliação metadiscursiva do debate (2 ocorrências). Na continuação deste item, abordaremos apenas uma ocorrência de cada uma dessas ações.

Os cinco turnos responsivos de elogio em que ocorreu a expressão “acho que” foram produzidos por candidatos à presidência. Uma dessas ocorrências está no excerto 3, que traz uma réplica de Jair Bolsonaro (JB) e a tréplica de Alvaro Dias (AD) em relação ao tema “corrupção”.

### (3) 1h18m12s - 1h19m12s (primeiro bloco)

- JB 1 realmente lá é um foco de corrupção/ de desmando/ onde impera também  
 2 a indicação política/ com toda certeza vossa excelência não adotaria  
 3 essa essa política caso chegasse lá\ e creio eu que deveria ser o  
 4 compromisso de +todos+/ pra nós começarmos realmente a a  
 5 diagnosticar os problemas do nosso brasil/ de modo que nós possamos  
 6 ter esperança que por parte de +nós+/ que porventura venha a ocupar  
 7 a chefia do do governo/ realmente trate com o devido zelo um banco  
 8 de fomento tão importante como esse\ então parablenho vossa  
 9 excelência/ eu **acho que** o brasil tá de parabéns. se essa proposta  
 10 for à frente a partir do próximo governo\
- AD 11 na verdade/ é preciso que o brasileiro +abra+ o olho\ com esse  
 12 sistema. do aparelhamento do estado/ do loteamento dos cargos  
 13 públicos/ esse sistema do +balcão+ de negócios/. corrupto e  
 14 incompetente/ matriz de governos incompetentes/ [...]

Bolsonaro parabeniza o candidato oponente, Alvaro Dias, pela proposta de governo de acabar com a corrupção no país (l. 6-7), sendo o elogio uma ação de afiliação, um comportamento atípico no gênero debate (Cuenca, 2023). Ao elogiar e se afiliar ao candidato oponente (Alvaro Dias), Bolsonaro demonstra ao eleitor que sabe reconhecer uma boa proposta anticorrupção, que parabeniza o Brasil por eleger um

candidato preocupado com essa pauta. Assim, Bolsonaro reflete o seu *status* de maior conhecimento, por se apresentar como conhecedor do que é bom para o Brasil. Porém, ao utilizar “acho que”, endossa uma postura de menor conhecimento, ao rebaixar o elogio feito por ele mesmo. Com esse uso da expressão, Bolsonaro se afilia ao adversário para demonstrar ao telespectador/eleitor que ambos têm preocupações com a corrupção no cenário político, mas, ao mesmo tempo, essa afiliação é mitigada pelo uso do modalizador, demonstrando que ela não é total.

Embora os elogios (as afiliações) não sejam o esperado no debate, entendemos que, em debates polilogais, ou seja, debates de que participam mais de dois candidatos, certas coalizões políticas momentâneas podem ocorrer. Na campanha de 2018, Bolsonaro e Alvaro Dias se apresentaram como candidatos de direita preocupados em acabar com a corrupção realizada por partidos de esquerda, compartilhando, assim, agendas de governo semelhantes. Durante o debate, Bolsonaro e Alvaro Dias reivindicaram a imagem de políticos comprometidos com o combate à corrupção. Nesse sentido, ao tecer o elogio ao adversário, mesmo usando a expressão “acho que” para rebaixar o grau de afiliação com o interlocutor, Bolsonaro também se elogia, já que demonstra ao eleitor saber reconhecer uma proposta de governo semelhante à sua.

Contudo, a tréplica de Alvaro Dias é uma reação despreferida (Schegloff, 2007). Espera-se que a reação a um elogio seja um agradecimento ou a recusa modesta e polida do elogio (Kerbrat-Orecchioni, 2001), o que não ocorre no turno. Ao contrário, Alvaro Dias (l. 8) ignora o elogio tecido pelo adversário e reforça seu apelo ao povo brasileiro para “abrir o olho” em relação ao sistema político. Portanto, Alvaro Dias, nesse turno, “rejeita” a coalizão proposta por Bolsonaro, protegendo-se (demonstrando que não compactua com o então deputado) e atacando o adversário (ao ignorar o elogio e reforçar as críticas ao sistema político).

Como informado, em quatro ocorrências, a expressão “acho que” permitiu ao locutor realizar um reparo de conhecimentos negociados, mais especificamente de informações expressas no turno anterior. É o que ocorre no excerto 4, de que

participam o jornalista Fábio Pannunzio (FP), Ciro Gomes (CG), Geraldo Alckmin (GA) e o mediador, Ricardo Boechat (RB).

(4) 1h47m25s – 1h50m23s (segundo bloco)

FP 1 bom/ a pergunta é pro candidato ciro gomes/ e: ah: o comentário é  
2 do geraldo alckmin\ ((*palmas fracas*)) bom/ éh: eu gostaria de que  
3 detalhassem um pouco mais as propostas pra +duas+ questões muito  
4 importantes que são as reformas da previdência/ já foi abordada  
5 aqui/ mas ainda não se ouviu o que se pode ser feito no lugar  
6 da proposta do governo temer\ e sobre a reforma trabalhista também/  
7 porque essa o senhor já disse que se opõe a ela de maneira radical  
8 e que vai revogá-la/ e eu queria saber como é então que vai se  
9 enfrentar essas duas reformas/ a reforma trabalhista e a reforma  
10 da previdência que gera um déficit de duzentos e setenta +bilhões+/  
11 que cresce cinquenta bilhões ao ano\

CG 12 eu vou propor uma nova reforma/ ((*Ciro Gomes tosse*)) perdão\ vou  
13 propor uma reforma trabalhista que corrija as imperfeições da  
14 legislação que é antiga\ mas por exemplo os abusos da justiça do  
15 trabalho/ mas essa que foi feita aí é uma selvageria/ que agravou  
16 dramaticamente a insegurança e o medo do da imensa maioria do povo  
17 brasileiro\ vou lembrar/ trinta e dois milhões de brasileiros na  
18 informalidade/ correndo do rapa/ vivendo de bico/ sem nenhuma  
19 proteção\ treze milhões e setecentos mil brasileiros  
20 desempregados/ mais de +onze milhões+ de garotos que nem nem/ nem  
21 estudam e nem trabalham\ e não é introduzindo insegurança jurídica  
22 e insegurança econômica/ +nenhum+ lugar do mundo resolveu seu  
23 problema assim\ [...] portanto nós temos que propor um +novo+  
24 modelo de previdência\ a reforma que o temer fez com toda  
25 selvageria/ obrigar um professor a trabalhar quarenta e nove anos  
26 e que o psdb apoiou\ essa reforma não resolve nada/ economizaria  
27 trezentos e sessenta bilhões em dez anos\ eu proponho um +novo+  
28 regime de capitalização/ e vou propor ao longo da campanha como se  
29 fazer a transição\

GA 30 olha primeiro/

RB 31 candidato alckmin\

GA 32 ok\ primeiro em relação à reforma trabalhista **acho que** foi um  
33 avanço/ **acho que** nós saímos de um modelo éh: de cima pra baixo/  
34 para um modelo melhor/ acabamos com essa excrescência de imposto  
35 sindical/ que nem os trabalhadores querem/ nem os sindicatos  
36 querem/ vão ficar realmente os sindicatos +sérios+/ que lutam pelos  
37 trabalhadores e vão conseguir a sua contribuição nas convenções

38 éh: coletivas\ em relação à reforma da previdência/ a primeira  
 39 tarefa é acabar com o sistema +injusto+/ o do inss é mil trezentos  
 40 e noventa e um reais/ a: o valor da aposentadoria/ e no setor  
 41 público chega a +vinte e oito mil reais+ de +média+ na câmara dos  
 42 deputados\

A sequência de pergunta e resposta iniciada pelo jornalista busca estimular o confronto entre os dois adversários políticos, a fim de permitir ao eleitor comparar os pontos de vista de ambos sobre um mesmo tópico (reformas da previdência e reforma trabalhista). Em sua resposta, Ciro Gomes endossa uma postura de maior conhecimento sobre o tópico, o que se reflete na produção de um longo turno elaborado apenas com sentenças declarativas (l. 12-29), sem qualquer recurso linguístico que rebaixe o grau de certeza de que dispõe ou que ceda direitos epistêmicos para o adversário ou terceiros.

Já Geraldo Alckmin adota postura diferente, ao iniciar seu turno com duas ocorrências da expressão modalizadora “acho que” (“ok\ primeiro em relação à reforma trabalhista acho que foi um avanço/ acho que nós saímos de um modelo éh: de cima pra baixo/ para um modelo melhor/”, l. 32-33). Iniciando seu turno dessa forma, o candidato se opõe ao adversário, reparando, em alguma medida, as afirmações expressas no turno anterior, mas o faz de modo mitigado ou rebaixado, em função do próprio uso das expressões. Para entender a função dessas ocorrências, é preciso lembrar que, conforme esclarece o jornalista na pergunta, a reforma trabalhista em discussão foi uma reforma planejada e defendida pelo governo do então presidente Michel Temer, governo que sucedeu o de Dilma Rousseff, após seu processo de *impeachment*, e que adotou medidas alinhadas a uma agenda econômica neoliberal, como as próprias reformas em questão. Sendo assim, por se tratar de um governo e de uma medida que desagradavam parte expressiva da população, os candidatos, ao longo do debate em análise, expressavam ou o receio de se identificar com esse governo ou o franco desejo de combatê-lo, apresentando-se como alternativa, como fica evidente na fala de Ciro Gomes.

Nesse contexto, tanto sequencial (a fala de Ciro Gomes) quanto histórico, entende-se o endosso, por parte de Alckmin, de uma postura de menor conhecimento, ao defender que a reforma de Temer representou um avanço. Assim, com as ocorrências de “acho que”, o candidato não expressa dúvida em relação às proposições que encabeçam (para ele, trata-se de um avanço), mas expressa seu desejo de não evidenciar, diante do eleitorado, uma adesão ostensiva a uma reforma vista como impopular e, portanto, de não se identificar com um governo igualmente visto como impopular por parte do eleitorado.

Por fim, duas ocorrências da expressão “acho que” estão em turnos que expressam uma avaliação metadiscursiva do próprio debate. Uma dessas ocorrências está no excerto 5, de que participam o mediador, Ricardo Boechat (RB), Alvaro Dias (AD) e Jair Bolsonaro (JB).

(5) 1h07m45s - 1h11m27s (primeiro bloco)

- RB 1 o próximo a perguntar é o candidato alvaro dias/ candidato por  
2 favor\
- AD 3 deputado jair/.. infelizmente a mortalidade infantil voltou a  
4 crescer\... os crimes contra a mulher da mesma forma\ oito por  
5 cento de estupros a mais nesse ano em relação ao ano passado\. a  
6 violência atingindo mulheres trabalhadoras\. salários +injustos+\.  
7 há aqueles que entendem que mulher e homem não podem receber o  
8 mesmo salário/ gostaria de ouvir a sua opinião a respeito\
- JB 9 primeiro/ salário/ mais um rótulo que botaram na minha conta\ o  
10 pt é o partido que mais me ataca nessa área\ ficaram treze anos  
11 no governo/ e nada decidiram\ agora/.. o estado deve interferir  
12 nessa área/ no serviço público. já é igual\.. quanto à mortalidade  
13 infantil/ sabemos que muitas medidas têm que ser tomadas/ começar  
14 com saneamento básico/ entre tantas e tantas outras\ a questão de  
15 +estupro+ em mulheres\ né/ eu tenho um projeto de lei. que visa a  
16 castração química +voluntária+ para o condenado requerer  
17 progressão de pena\ lamentavelmente. a bancada feminina +de  
18 esquerda+ na câmara é contrário a isso daí\ eu acredito que se  
19 aprovasse isso nós inibiríamos +e muito+ essa violência contra a  
20 mulher\ voltando à questão do salário/ tem muito local que mulher  
21 ganha mais do que homem/ deveríamos então lutar pra diminuir o

22 salário dessas mulheres competentes/. repito/ o sa- o estado não  
 23 deve interferir nessa área/ quanto mais o estado entra pior fica  
 24 o negócio no brasil\  
 RB 25 a: tré- a réplica do candidato alvaro/ são quarenta e cinco  
 26 segundos candidato\  
 AD 27 éh: não basta defendermos o direito das mulheres\ há poucos dias.  
 28 são paulo assistiu um crime hediondo com uma policial sendo  
 29 violentamente assassinada\ seria um absurdo se ela recebesse um  
 30 salário inferior do que os seus colegas policiais +homens+\ é  
 31 preciso.. +protagonismo+\ participação econômica\ estratégia de  
 32 participação +política+\ nós valorizamos as mulheres/ a nossa  
 33 presidente renata abreu é um exemplo da valorização das mulheres  
 34 no nosso partido\ ana paula oliveira/ economista/ cuida do nosso  
 35 programa econômico/ é mais um exemplo. de mulher valorizada no  
 36 nosso. no nosso partido. e na nossa proposta/  
 RB 37 meu caro candidato/  
 AD 38 de governo para o país\  
 RB 39 eu vou pedir ao ao candidato alvaro dias que observe os monitores  
 40 de tempo/ candidato por gentileza\ pra concluir então esse embate  
 41 a tréplica quarenta e cinco segundos/ candidato bolsonaro\  
 JB 42 **acho que** não tem que partir pra tréplica\ né/ X che- chegamos num  
 43 acordo\ né/ o estado não pode interferir nessa questão\ agora a  
 44 mulher tem que ser valorizada sim\ hoje em dia em +muitas+ áreas  
 45 de concurso público passa mais mulheres do que homens\ em outras  
 46 provas também básico a gente vê que mulheres tirando uma nota maior  
 47 do que homem\ elas estão melhores do que +nós+\ brevemente +nós+  
 48 é que estaremos querendo o salário igual ao dela/ com toda a  
 49 certeza\

Nesse excerto, após uma primeira sequência de pergunta e resposta, elaboradas respectivamente por Dias e Bolsonaro, o mediador solicita a Dias que desenvolva a sequência, produzindo a primeira parte de uma sequência de pós-expansão (a réplica). Após a elaboração da réplica, o mediador solicita a Bolsonaro que produza a segunda parte dessa sequência (a tréplica). Na tréplica, Bolsonaro questiona a ação solicitada pelo mediador, dizendo “acho que não tem que partir pra tréplica\ né/” e acrescentando uma justificativa para isso: “che- chegamos num acordo\ né/ o estado não pode interferir nessa questão\” (l. 42-43).

O interesse desse último turno de Bolsonaro, fortemente metadiscursivo, está no fato de que o candidato chama a atenção para regras mais ou menos implícitas que regulam o debate eleitoral, com o intuito de violar essas mesmas regras. Em primeiro lugar, ao dizer que “não tem que partir pra tréplica”, ele assume o papel de mediador, definindo as ações que podem ou não ser feitas e o modo de desenvolvimento da sequência. Em segundo lugar, ao justificar seu comportamento, dizendo “che-chegamos num acordo\”, ele evidencia que a razão para o prolongamento de uma sequência, em um debate, e para o próprio debate é o desacordo entre os candidatos. Se não há desacordo, não há porque desenvolver a sequência e não há nem mesmo porque haver o debate (Cuenca, 2023). Dessa forma, com seu comportamento, Bolsonaro busca burlar regras do debate, para endossar uma postura de maior conhecimento sobre um tópico caro à agenda neoliberal, a noção de “estado mínimo” (Harvey, 2008), segundo a qual, como diz o candidato, “o estado não pode interferir nessa questão [da diferença salarial entre homens e mulheres na iniciativa privada]” (l. 43).

Contudo, porque a violação de regras que estruturam um tipo de interação pode trazer prejuízos para quem age assim, o candidato se vale de uma série de recursos para rebaixar seus direitos epistêmicos. O primeiro deles é a expressão modalizadora “acho que”. Com o modalizador, ele não expressa dúvida sobre a necessidade ou não de uma tréplica. O que ele faz é mitigar a invasão ao território do jornalista, que é quem deve saber se a tréplica é ou não necessária, cedendo direitos epistêmicos a ele. Outro recurso são as duas ocorrências da *tag-question* “né/”, que permitem ao candidato endossar uma postura de menor conhecimento em relação ao mediador (Heritage; Raymond, 2005). O terceiro recurso é a própria relação de justificativa articulando os segmentos: “acho que não tem que partir pra tréplica \ né/ X che- chegamos num acordo \ né/ “. A justificativa “che- chegamos num acordo \ né/” evidencia a percepção do candidato de que, ao dizer “não tem que partir pra tréplica”, realizou uma ação despreferida (Heritage, 1984).

## 5 Considerações finais

Neste trabalho, evidenciamos que a expressão modalizadora “acho que”, utilizada por participantes de um debate eleitoral (candidatos à presidência da república e jornalistas), se caracteriza por uma funcionalidade complexa. Para isso, propusemos um estudo articulando contribuições funcionalistas sobre a expressão e conversacionais sobre modalizadores e sequencialidade, com foco na dimensão epistêmica. O *corpus* estudado foi o primeiro debate eleitoral presidencial da campanha de 2018, promovido pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação (Band).

As análises das catorze ocorrências de “acho que” identificadas no *corpus* evidenciaram não ser possível atribuir à expressão uma única função. Sua complexidade está no fato de que a função de cada ocorrência está fortemente atrelada à posição sequencial do turno em que ela ocorre, à natureza pragmática desse turno (pergunta, resposta, elogio etc.) e ao contexto histórico e social mais amplo da interação. Dessa forma, os participantes do debate, usando a expressão modalizadora:

i) em perguntas, tornam menos agressiva a abordagem de informações que pertencem ao território do interlocutor ou de terceiros, como os eleitores (excertos 1 e 2);

ii) em elogios, mitigam a adesão resultante do próprio elogio às propostas de um adversário, ainda que mantendo o interesse de uma coalizão com este (excerto 3);

iii) amenizam seu grau de comprometimento com a informação (proposta, ideia, ponto de vista) que defendem, ao reparar um turno anterior (excerto 4);

iv) suavizam uma invasão territorial, quando realizam ações ou expressam conhecimentos que, tendo em vista a distribuição dos papéis sociais na interação, pertencem ao território do interlocutor (excerto 5).



Como informado na introdução, nossa hipótese era a de que, nos diferentes contextos sequenciais em que “acho que” ocorre, o sentido básico da expressão enquanto mitigadora do grau de certeza do locutor em relação a dado conteúdo proposicional (Neves, 2002; 2006; Castilho; Castilho, 2002) se particulariza, em função da posição sequencial em que a expressão ocorre. Em que pese o número reduzido de ocorrências analisadas, entendemos que os resultados obtidos, apontando para a multifuncionalidade da expressão, confirma essa hipótese. Isso porque, em todas elas, a preocupação do locutor por suavizar uma intrusão territorial o leva a diminuir ou a ceder ao interlocutor os diretos epistêmicos na abordagem de um tópico, o que tem como contraparte semântica a expressão de menor compromisso com o que diz. Porém, como revelam os exemplos analisados, esse sentido bastante geral torna-se mais específico, em função das propriedades de cada turno em que a expressão ocorre e da posição que ocupa na sequência (primeira ou segunda parte de um par adjacente).

Nessa perspectiva, o que este trabalho procurou revelar, em consonância com Kärkkäinen (2003) e com as pesquisas linguísticas que, nas últimas décadas, têm adotado uma perspectiva interacionista (Ochs *et al.*, 1992; Ford *et al.*, 2002; Heritage, 2018), é que, mais do que investigar o grau de comprometimento do falante com o que diz ou o valor semântico de uma expressão desvinculada de um dado contexto de uso, interessa à análise dos modalizadores (no nosso caso, da expressão modalizadora “acho que”) estudar seu funcionamento na realização de práticas, como a própria construção dos turnos, bem como as consequências de seus usos para o desenvolvimento da sequência.

### **Agradecimentos**

Paloma Bernardino Braga agradece à Capes a concessão da bolsa de pesquisa de doutorado, bolsa vigente no período de realização do artigo. Gustavo Ximenes Cunha agradece ao CNPq a concessão da bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) (nº: 304805/2022-0). Uma versão preliminar do artigo foi apresentada na sessão de novembro/2024 do GEPTED, Grupo de Estudos sobre Pragmática, Texto e Discurso, grupo sediado na UFMG e liderado pelo segundo autor do artigo e por Ana Larissa

Adorno Marciotto Oliveira (<http://www.letas.ufmg.br/gepted/>). Agradecemos aos participantes da referida sessão, integrantes do GEPTED, as observações e sugestões. Agradecemos ainda aos dois pareceristas anônimos a leitura do artigo.

### Referências

BAND JORNALISMO. **Debate na Band: reveja na íntegra o 1º confronto entre os presidentiáveis** [vídeo completo do debate], 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c)

BRAGA, P. B. **O papel do comentário metadiscursivo em debate eleitoral polilocal: estratégia discursiva no jogo de faces**. 2021. 277 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BURGER, M. Encenações discursivas na mídia: o caso do debate-espetáculo. In: MACHADO, I. L.; MARI, H.; MELLO, R. (org.) **Ensaio em análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/Faculdade de Letras da UFMG, 2002. p. 201-222.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (org.) **Gramática do português falado**, v. II: níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 199-248.

CHAFE, W. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.) **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: Benjamins, 1988. p. 1-27.

CUENCA, M. J. Disagreement, epistemic stance and contrastive marking in Catalan parliamentary debate. **Journal of Pragmatics**, v. 203, p. 1–13, 2023. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2022.11.001>

CUNHA, G. X. Conectores e processo de negociação: uma proposta discursiva para o estudo dos conectores. **Fórum Linguístico**, v. 14, p. 1699-1716, 2017. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n1p1699>

CUNHA, G. X. Caracterização e funcionamento da refutação em debate eleitoral. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 30, n. 59, p. 147-176, 2019. DOI <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2019n59a696>

CUNHA, G. X. O processo de negociação e o alcance da completude monológica em debate eleitoral. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 60, p. 155-170, 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/01031813634601420191003>.

CUNHA, G. X. Competência interacional e co-construção de sentidos: uma análise dos comportamentos verbais e não-verbais de participantes de um debate eleitoral. **Calidoscópico**, v. 20, p. 303-321, 2022. DOI <https://doi.org/10.4013/cld.2022.201.15>

CUNHA, G. X. As relações textuais como recursos para a episteme-em-ação: estudo da dimensão epistêmica de uma entrevista com presidenciável. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 25, p. 69-85, 2023. DOI [10.11606/issn.2176-9419.v25i1p69-85](https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v25i1p69-85)

CUNHA, G. X. As relações textuais como procedimentos para a atribuição de ações na interação. **ALFA**, v. 68, p. 1-30, 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e18257>

CUNHA, G. X.; BRAGA, P. B.; BRITO, D. M. As funções figurativas do comentário metadiscursivo em debates eleitorais. **Cadernos de linguagem e sociedade**, v. 20, n. 2, p. 168-187, 2019. DOI <https://doi.org/10.26512/les.v20i2.24445>

CUNHA, A. R.; LIBÓRIO, B.; MOURA, B.; CYPRESTE, J.; MENEZES, L. F.; NALON, T. **As checagens em tempo real do debate presidencial da Band [transcrição do debate]**, 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/as-checagens-do-debate-presidencial-da-band/>

DREW, P. Epistemics in social interaction. **Discourse studies**, v. 20, n. 1, p. 163-187, 2018. DOI <https://doi.org/10.1177/1461445617734347>

DREW, P.; HERITAGE, J. **Talk at work: Interaction in institutional settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

FILLIETTAZ, L. Interactions verbales et recherche em éducation: principes, méthodes et outils d'analyse. **Genebra**: Université de Genève, Section des sciences de l'éducation, 2020.

FORD, C. E.; FOX, B. A.; THOMPSON, S. A. (ed.). **The language of turn and sequence**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

FOX, B. A.; THOMPSON, S. A.; FORD, C. E.; COUPER-KUHLEN, E. Conversation Analysis and Linguistics. In: SIDNELL J.; STIVERS T. (ed.) **The Handbook of Conversation Analysis**. Chichester: Blackwell Publishing, 2013. p. 726-740.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967.

GOFFMAN, E. Sobre a preservação da fachada: uma análise dos elementos rituais na interação social. *In*: GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011[1967]. p. 13-50.

GOFFMAN, E. The territories of the self. *In*: GOFFMAN, E. **Relations in public**: microstudies of the public order. Nova York: Basic Books, 1971. p. 28-61.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008.

HAUBERT, M.; PAOLA, E. **Lula chora ao relembrar 580 dias de prisão em Curitiba**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-governo/lula-chora-ao-relembrar-580-dias-de-prisao-em-curitiba/>, 2024.

HERITAGE, J. Oh-Prefaced Responses to Assessments: A Method of Modifying Agreement/Disagreement. *In*: FORD, C.; FOX, B.; THOMPSON, S. (ed.) **The Language of Turn and Sequence**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 196-224.

HERITAGE, J. Conversation Analysis. *In*: HERITAGE J. **Garfinkel and ethnomethodology**. Cambridge: Polity press, 1984. p. 233-292.

HERITAGE, J. The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge. **Research on language and social interaction**, v. 45, n. 1, p. 30-52, 2012. DOI <https://doi.org/10.1080/08351813.2012.646685>

HERITAGE, J. Epistemics in conversation. *In*: SIDNELL, J.; STIVERS, T. (ed.) **The Handbook of Conversation Analysis**. Chichester: Blackwell Publishing, 2013. p. 370-394.

HERITAGE, J. Turn-initial particles in English: The cases of oh and well. *In*: HERITAGE, J.; SORJONEN, M. L. (ed.) **Between Turn and Sequence**: turn-initial particles across languages. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 155-192.

HERITAGE, J.; RAYMOND, G. The terms of agreement: indexing epistemic authority and subordination in talk-in-interaction. **Social Psychology Quarterly**, v. 68, n. 1, p. 15-38, 2005. DOI <https://doi.org/10.1177/019027250506800103>

KAMIO, A. **Territory of information**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

KANEYASU, M. Interactional relevance of linguistic categories: Epistemic modals daroo and deshoo in Japanese conversation. **Journal of Pragmatics**, v. 155, p. 145-159, 2020. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2019.10.007>

KÄRKKÄINEN, E. **Epistemic stance in english conversation**: A description of its interactional functions, with a focus on I think. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les actes de langage dans le discours**: théorie et fonctionnement. Paris: Nathan, 2001.

LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). **Análises de fala-em-interação institucional**: a perspectiva da Análise da Conversa etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MASCARENHAS, I. J. S.; PEROBELLI, R.; ZEN, G. M. “Vou repetir para vocês entenderem”: sobre redesenho de perguntas e status epistêmico. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 18, n. 41, p. 125-144, 2024. DOI <https://doi.org/10.47456/rctl.v18i41.45970>

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.) **Gramática do português falado**, v. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 171-208.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. A. (ed.). **Interaction and grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

OLIVEIRA, A. L. A. M.; CUNHA, G. X. Relações epistêmicas e impolidez linguística em comentários do twitter/x sobre um debate presidencial. **Linguagem em (dis)curso**, v. 24, p. 01-18, 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/1982-4017-24-30>

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, v. 50, p. 696-735, 1974. DOI <http://dx.doi.org/10.2307/412243>

SCHEGLOFF, E. **Sequence organization in interaction**: a primer in Conversation Analysis I. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

## Anexo

Quadro 1 - Convenções de transcrição.

Símbolo	Significado
MAIÚSCULA	Segmento acentuado
/	Entonação ascendente
\	Entonação descendente
+segmento+	Aumento do volume da fala
°segmento°	Diminuição do volume da fala
XX	Segmento incompreensível
(segmento)	Segmento cuja transcrição é incerta
:	Alongamento silábico
Segmen-	Truncamento
. . . . .	Pausas de duração variável
>	Relação de alocução (LOC1 > LOC2)
<u>Sublinhado</u>	Tomadas de fala em recobrimento
<item>	Reguladores verbais
((comentário))	Comentário do transcritor relativos a deslocamentos corporais, condutas gestuais ou ações não-verbais
[#1]	Índice remetendo à posição da imagem na transcrição

Fonte: Filliettaz (2020, p. 49).